



OFICINA “NEAD APROXIMANDO ESTAÇÕES” – QUANDO A PRÁTICA DOCENTE INVERTE DISTÂNCIAS

Andrea Chagas Alves de Almeida - andrea_chagas@unifor.br

Carla Dolores Menezes de Oliveira - carladolmeno@unifor.br

Vandalina Julião Coutinho de Alencar - vandac@unifor.br

Universidade de Fortaleza - UNIFOR

RESUMO

A sociedade contemporânea vem sofrendo inúmeras transformações nas últimas décadas, mudanças essas que estão impactando significativamente o mundo educacional no que tange ao uso de novas tecnologias, exigências de mercado, perfis docentes e discentes, exigindo professores cada vez mais versáteis e preparados para lidar com as demandas que vêm se anunciando. Diante desse cenário, trabalhar formação continuada com professores, ainda mais numa modalidade de atuação como a Educação a Distância, é algo bastante desafiador. Dessa forma, o presente artigo se propõe a apresentar um relato de experiência de uma oficina de formação de professores oferecida pelo NEaD – Núcleo de Educação a Distância da Universidade de Fortaleza, na ocasião do encerramento de seu semestre letivo 2019.1. A oficina supracitada teve como objetivo promover o aprimoramento da qualidade da ação docente da equipe de professores que compõe o referido Núcleo, assim como proporcionar uma reflexão acerca dessa mesma ação através de práticas didático-pedagógicas criativas, trabalhadas a partir da abordagem das Metodologias Ativas voltadas para a modalidade EaD.

Palavras-chave: Formação de Professores. Metodologias Ativas. Oficina. Educação a Distância.

INTRODUÇÃO

Aos poucos, e cada vez mais, tem-se percebido que as atividades a distância são fundamentais para a aprendizagem atual, para atender a situações bastante diferenciadas de uma sociedade cada dia mais complexa. A modalidade EaD – Educação a Distância –, apesar de ainda desconhecimento de muitos, apresenta-se como fundamental para modificar processos insuficientes e caros de ensinar para muitas pessoas e instituições, principalmente no que diz respeito ao ensino superior, bem como aos cursos de formação profissional. Alguns autores servem de base para essa importante discussão acerca do ensino superior a distância no Brasil, dentre eles se destacam: Litto e Formiga (2009), Valente (2009), Almeida (2009) e Gatti (2000).

Nesse sentido, por estarmos inseridas no contexto de uma universidade e, mais ainda, por fazermos parte do grupo gestor do Núcleo de Educação a Distância desta universidade, entendemos



que é condição *sine qua non* para atendermos às demandas que se fazem presentes em nosso cotidiano profissional, pensarmos em estratégias pedagógicas de acompanhamento, instrução e formação docentes que abarquem o uso de novas tecnologias, o reconhecimento de um novo perfil discente e as exigências trazidas por um mercado cada vez mais volátil e com atualizações cada vez mais urgentes, aliadas a uma percepção da necessidade de um modelo de educação dinâmico e que clama por ações que deem conta de uma nova forma de ensinar e de aprender.

Segundo Litto e Formiga (2009), o professor já percebe que os alunos são outros, que navegam na rede e acabam trazendo para a sala de aula muito mais informações e indagações do que antes, porém a formação de professores na educação superior para atuar na educação à distância, é um campo jovem e emergente da prática acadêmica. Nesse sentido, entendendo essa necessidade pujante, se mostram como inadiáveis ações que se voltem para a formação continuada desse professor, de forma a auxiliá-lo dentro desse novo contexto.

Para tanto, é importante se aproximar desse professor e conhecer como ele aprende, se forma e desenvolve sua ação docente, uma vez que, segundo Eckert-Hoff (2002), os profissionais da educação ainda privilegiam a maneira como foram ensinados, reproduzindo conhecimentos, abrindo mão de ideias criativas em detrimento de práticas burocráticas e engessadas que ainda perduram na docência tradicional. Faz-se necessário que se deixe de encarar o conhecimento como algo estático e fragmentado para reconhecê-lo como um processo dinâmico, principalmente se estamos falando de uma modalidade de ensino como a EaD.

Dessa maneira, a formação continuada de professores, no sentido que temos atribuído a ela, deixa de ter apenas o intuito de uma educação permanente que permita passar para os alunos aqueles “conhecimentos científicos atualizados”, e passa a ser encarada como uma ferramenta que auxilia os docentes no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos, na busca de novos conhecimentos teórico-metodológicos para o desenvolvimento profissional e a transformação de suas práticas pedagógicas, buscando, assim desenvolver um processo de formação que possibilite notada melhoria no fazer docente individual e coletivo.

Para tanto, é fundamental pensarmos em estratégias que possibilitem efetivamente essa formação, que possibilitem articular teoria e prática no fazer docente. Sabemos que essa articulação é sempre um desafio, não apenas na área da educação. Entre pensar e fazer algo há uma grande distância que, no entanto, pode ser vencida, sendo essa, inclusive, uma de nossas principais prerrogativas, não obstante o título deste artigo.



A despeito desse desafio, acreditamos que quanto maior for a vivência dos docentes com experiências didático-pedagógicas reais, maior é a possibilidade de se promover uma formação abrangente e que responda às necessidades e barreiras impostas pela carreira docente, como afirmam Vieira e Volquind (2002). Um dos caminhos possíveis para a superação desse entrave é a construção de estratégias de integração entre pressupostos teóricos e práticas, o que, fundamentalmente, caracteriza as oficinas pedagógicas.

Oficina é uma forma de construir conhecimento, com ênfase na ação, sem perder de vista, porém, a base teórica. Vieira e Volquind (2002, p. 11), conceituam como sendo “[...] um tempo e um espaço para aprendizagem; um processo ativo de transformação recíproca entre sujeito e objeto; um caminho com alternativas, com equilíbrios que nos aproximam progressivamente do objeto a conhecer”.

Dessa forma, as oficinas pedagógicas como um espaço-tempo complexo, cujos participantes são atores e sujeitos, produzem modos de interação capazes de superar a aplicação acrítica de teorias ou a prática pela prática, destituída de fundamentos teóricos, como afirma Freire (2009). A organização das oficinas é capaz de produzir experiências que permitam a integração teórico-prática e fomentem o desenvolvimento da autonomia docente, contribuindo para a geração do conhecimento a partir da cumplicidade entre professores, alunos e recurso instrucional (Vieira e Volquind, 2002).

Como toda ação pedagógica, a atividade da oficina pressupõe um planejamento e um método de aprendizagem a serem desenvolvidos e aplicados. No que concerne à questão do método, tomamos como base de orientação a preconizada pelas metodologias ativas de aprendizagem que, conforme Moran (2018) são estratégias de ensino centradas na participação efetiva dos estudantes na construção do processo de aprendizagem, de forma flexível, interligada e híbrida.

Diante dos pressupostos apresentados, os métodos ativos se tornam aliados do processo de ensino e aprendizagem, uma vez que proporcionam um engajamento do “aprendente” como o seu processo de aprender. Vale ressaltar, que o adulto é mais motivado a aprender quando os conhecimentos a serem transmitidos são contextualizados, quando são bem definidas sua aplicabilidade e utilidade.

Teóricos como Dewey (1950) e Freire (2009), defendem a ideia de focar a aprendizagem no ser aprendente, pois, assim, a ação se torna mais efetiva quando os novos conhecimentos pautam-se em sua experiência vivida, e essas, dentre outras, são características das metodologias ativas de



aprendizagem.

Dentre as possibilidades de métodos ativos, temos: o estudo de caso, instrução em pares, aprendizagem baseada em problemas, sala de aula invertida, aprendizagem baseada em games, *storytelling* e gamificação.

Para a execução da oficina pedagógica que desenvolvemos com os professores do Núcleo, que gerou o presente artigo, optamos por utilizar os métodos de estudo de caso (em formato *storytelling*), aprendizagem baseada em problemas e instrução em pares.

Dessa forma, este trabalho apresenta um relato descritivo da concepção e do desenvolvimento de uma experiência com oficina pedagógica tematizada amparada com alguns recursos didáticos, focando a estruturação de cada um deles, bem como uma avaliação de sua contribuição na ótica dos participantes e dos organizadores.

DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A ideia de organizar uma oficina para formação continuada de professores em EaD surgiu numa conversa da equipe gestora do NEaD¹ que tinha como objetivo pensar em atividades à serem desenvolvidas com os professores integrantes do Núcleo em razão da reunião de final do semestre de 2019.1, evento que ocorre sempre entre o final do mês de junho e o início de julho.

Como de praxe, foram propostas algumas ideias e modelos de reunião docente e de *feedback* nos formatos mais técnico-burocráticos e tradicionais, donde se pretendia apenas “passar informações e dar devolutivas sobre o semestre”. Entretanto, baseado na expertise da equipe gestora do Núcleo, decidiu-se que tomaríamos um caminho mais audacioso, porém não menos eficaz: transformaríamos a reunião numa oficina formadora, de modo que os temas referentes às questões de acompanhamento da gestão que envolveram o fazer docente dos professores naquele semestre, seriam tratadas de maneira lúdica e experimental.

Assim, surgiu a ideia de fazermos a oficina intitulada NEAD APROXIMANDO ESTAÇÕES. A oficina foi pensada tendo a duração de 4 horas e contando com a participação de todos os professores do Núcleo, sendo facilitada pela equipe gestora que é composta por duas coordenadoras e uma assessora pedagógica.

¹ O Núcleo de Educação a Distância (NEaD) é responsável pela modalidade de ensino a distância da Universidade de Fortaleza, contando com uma equipe de 28 professores e que disponibiliza aos alunos 27 disciplinas de graduação presencial em EaD, as quais estão presentes no fluxograma dos diversos cursos da Universidade. Além de apoio pedagógico presencial e virtual, o setor oferece suporte metodológico para cursos e outros projetos ofertados pela Instituição.



Seu nome foi assim escolhido, pois a mesma se dividia em “blocos de trabalho” denominados ESTAÇÕES, que aconteciam de forma concomitante. Em cada um dessas estações de trabalho havia uma abordagem diferente sobre os temas que estavam sendo trabalhados na oficina, do modo que os professores estavam em constante movimento e troca de experiências.

O principal objetivo da oficina foi o de oferecer aos professores um referencial para o desenvolvimento de trabalho pedagógico com a modalidade à distância, na perspectiva de suas demandas cotidianas, associado à prática de atividades e realização de planos de aula e avaliações. Todo o processo foi desenvolvido numa linha criativa e crítico-reflexiva, a partir da integração do conhecimento prévio dos professores à apropriação de novos conhecimentos e práticas contextualizadas.

Os objetivos específicos da oficina correspondiam à descrição dos desempenhos/ações esperadas dos professores ao longo da realização das atividades relacionadas às suas práticas ao longo do semestre, englobando: (a) aprimoramento da qualidade de ação docente; (b) emprego de metodologia de ensino compatível com os princípios teóricos e práticos de suas respectivas áreas; (c) implementação de atividades em contextos reais de ensino e aprendizagem, de modo interdisciplinar e integrado ao desenvolvimento dos programas da universidade no que concerne à prática de educação à distância; e (d) reflexão crítica e avaliação contínua do processo, de sua produção e ação.

Com vistas à consecução dos objetivos estabelecidos, foram propostos tópicos de abordagens, trabalhados de forma articulada e adaptada às necessidades e aos interesses dos professores e da equipe gestora, num constante processo de (co)construção de conhecimento, baseado em aspectos significativos da realidade de ensino vivenciada pelos participantes, são eles: (a) explicação da oficina e problematização inicial, a partir do conhecimento prévio e das experiências pedagógicas dos participantes; (b) explanação de situações ocorridas ao longo do semestre; (c) reflexão crítica, discussões e relatos dos participantes, relacionados aos tópicos abordados; (d) atividades de cunho prático que propunham soluções criativas; (e) produção de ações ou de atividade didática, apoiadas nas noções teóricas prévias; (f) implementação das atividades para trabalho com os alunos no ambiente virtual; e (g) socialização e avaliação das atividades efetuadas.

Os trabalhos foram todos realizados em equipes que contavam com até cinco professores por grupo, as estações de trabalho (grupos com tarefas diferenciadas), algumas vezes reunidos por



áreas de atuação ou, em outras, por afinidade entre os participantes. Eles foram pensados para oportunizar tempo de interação e de construções coletivas aos professores (promovendo, também, a aprendizagem entre pares), uma vez que dispúnhamos de um tempo limitado. Foram ainda utilizadas exposições orais e apresentação de “produtos” (planejamento, mural, maquetes, textos, mapas mentais, e desenhos produzidos pelos participantes). Os cinco grupos de participantes, em função de necessidades específicas, desenvolveram as atividades propostas pela oficina de modo ligeiramente diferente. Numa visão esquemática, as estações de trabalho assim se constituíram, em termos de conteúdos a serem trabalhados e da metodologia empregada:

- **ESTAÇÃO AVALIAÇÃO CRIATIVA** – Propor uma forma de avaliação inovadora na perspectiva EaD, que fosse aplicável dentro de suas respectivas disciplinas, contendo as seguintes informações: objetivos, metodologia e critérios de avaliação. Metodologia: utilização dos materiais disponíveis (cartolina, canetinhas coloridas e orientações acerca de estratégias avaliativas) e trabalho em pares (*peer to peer*).
- **ESTAÇÃO SITUAÇÃO PROBLEMA** – A partir dos cinco casos reais trazidos pela equipe do NEaD (vindos de críticas e ouvidorias feitas por alunos ao longo do semestre), cada equipe deveria escolher uma situação exposta e responder ao formulário disponível sobre a mesa. Ao final, deveria dramatizar (ou roteirizar em forma de “história contada”) a solução encontrada por eles. Metodologia: resolução de conflitos a partir da estratégia do *storytelling* e da aprendizagem baseada em problemas.
- **ESTAÇÃO AUTOCONHECIMENTO** – Cada componente do grupo acessava um computador onde se encontrava uma enquete com perguntas sobre a forma como cada um tem conduzido a sua prática docente. Ao final da enquete, eles deveriam preencher um quadro exposto para todos que continha seus rostos em formato de *avatar*² com *emojis*³ representando sua avaliação sobre si mesmo. Metodologia: uso de recursos tecnológicos e promoção de reflexividade ativa.
- **ESTAÇÃO ARTE E VIDA** – Através de expressões artísticas e/ou artesanais (música,

² A equipe do NEaD conta com um grupo de 15 funcionários que compõem o setor de Desenvolvimento de Projetos, dentre eles designers instrucionais, programadores, editores de áudio e vídeo, revisores e ilustradores. Os avatares (caricaturas reais) foram desenvolvidos por um ilustrador da equipe especialmente para a oficina e para cada professor.

³ Emoji é um pictograma, ou seja, uma imagem muito usada na internet e nas redes sociais que transmite a ideia de uma palavra ou frase completa. Os emojis são muito úteis para transmitir mensagens de modo rápido, sem a necessidade de escrever textos explicativos.

poema, dramatização, maquete...) representar os significados de “ser professor” para cada um dos participantes e as suas relações com a modalidade de ensino a distância. Metodologia: a partir dos materiais disponíveis (sucatas, papéis diversos, cola, fitas coloridas, instrumentos musicais, tintas, lápis de cor, *tablets*, celulares, dentre outros) promover a valorização e desenvolvimento da criatividade, amparada pela importante categoria das representações.

- **ESTAÇÃO (TRANS)FORMAÇÃO** – A partir de um vídeo elaborado pela equipe gestora do NEaD (contendo elementos teóricos acerca da prática docente e apresentando conceitos sobre o ensino na modalidade à distância), os participantes deveriam inicialmente fazer um *brainstorming* (tempestade de ideias) das ações necessárias para uma boa prática em EaD. Em seguida, exigiu-se que fosse elaborado um mapa mental como um esquema de orientação para o docente em EaD. Metodologia: Uso de recursos didáticos atuais favorecendo o trabalho em equipe e a aprendizagem entre pares, além do trabalho com conceitos e categorias de maneira prática e exequível.

Por fim, os participantes seguiam para um espaço denominado PARADA OBRIGATÓRIA, onde eles preenchiam um quadro (com medidas de dois papéis no tamanho A0) contendo itens de avaliação geral da oficina (contemplando questões individuais e grupais, onde o indivíduo avaliava o grupo e o grupo avaliava o indivíduo), trazendo os seguintes critérios: a) habilidade de trabalho em grupo; b) interação e participação nas atividades; c) motivação para concluir as estações; e d) relevância da oficina e de suas atividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tudo aquilo que é diferente, que foge à regra do tradicional, geralmente gera certa desconfiança e insegurança, porque se trata do enfrentamento de novos desafios que precisam ser vencidos. Por exemplo, pensar e rever práticas docentes, diferentes abordagens teóricas de ensino, disciplinas trabalhadas a distância, a complexidade das novas demandas educacionais, ações que não fechem questões do conhecimento a visões circunscritas da realidade, tudo isso requer predisposição de quem se propõe a buscar alternativas de ensino para situações complexas de aprendizagem nos dias de hoje.

Ressaltamos, no caso da oficina acima descrita, que o envolvimento com mudanças constitui tarefa não só dos professores que fizeram as oficinas, mas da instituição educacional como um todo.



É preciso que a universidade se empenhe nesse processo, apoiando, dando condições de tempo e de espaço para que as questões de ensino se desenvolvam com eficácia.

De início, os participantes da oficina, desejosos por soluções para os vários e sérios problemas que enfrentam e acostumados ao formato das reuniões tradicionais, mostravam-se receosos quanto a um trabalho de base lúdica e experimental.

A despeito das dificuldades iniciais, todos tiveram que se adequar às situações propostas da melhor forma possível. O espaço que a oficina proporciona para a vivência e superação dos problemas permite o desenvolvimento do ser humano que é ao mesmo tempo ação, cognição e afeto. Essa superação dos problemas refere-se justamente a dois aspectos essenciais que as oficinas apresentam: o caráter globalizante/integrador (a superação dos problemas) e o trabalho grupal (desenvolvimento social, cognitivo e afetivo para a superação), que se adequou perfeitamente com a utilização de métodos ativos para a execução das atividades. Para Vieira e Volquind (2002, p. 12):

A proposta de oficinas de ensino para ser séria, gratificante e inovadora necessita criar um espaço para a vivência, a reflexão e a construção de conhecimentos. Não é somente um lugar para aprender fazendo; supõe principalmente o pensar, o sentir, o intercâmbio de ideias, a problematização, o jogo, a investigação, a descoberta e a cooperação.

Aos poucos, com a abertura de espaços para o diálogo, para a exposição de dificuldades encontradas pelos professores, relativos à prática docente de cada um em particular e do grupo como um todo, houve, no decorrer das estações, uma mudança de postura daqueles que não estavam, na ocasião, identificando contribuições pedagógicas. Fomos percebendo um aumento gradual de receptividade às atividades planejadas, no momento em que conseguiram relacionar as mesmas com a realidade vivida e quando houve uma integração maior entre os professores ao constatarem seus problemas comuns. Também, percebemos um engajamento maior, quando notaram coerência entre o que estava sendo proposto: trabalhar os temas delicados do cotidiano através de ações orientadas pelas metodologias ativas.

Portanto, a fase de contextualização e dos propósitos da reunião-oficina, em que consistiu a primeira etapa das atividades, momento em que houve uma reflexão e tomada de consciência em relação à proposta de trabalho, partiu do conhecimento prévio e das experiências de cada professor em relação às suas práticas docentes. Por exemplo, como eles viam o fato de estar centrados no processo de ensino-aprendizagem (FREIRE, 2009). Reflexões feitas à luz de pressupostos teóricos com base na ideia da “educação bancária”, por exemplo, acabou provocando, inicialmente, uma reação às abordagens de ordem prática, porque esperavam envolver-se basicamente com atividades



teóricas.

Quanto à formação pedagógica prática e conceitual, estas foram, desde o início, os objetivos dessa proposta e parecem ter engendrado resultados positivos, como podemos constatar nos trechos de alguns depoimentos colhidos: “Contribuiu para a minha formação porque até então eu não tinha segurança a respeito de como utilizar melhor os recursos tecnológicos para contribuir para a aprendizagem dos alunos. Agora tenho uma noção e sei que realmente pode ajudar.” (PROFESSOR 1). E, nesse também, “Ter uma visão diferente do processo de ensino-aprendizagem em EaD. Opções de ferramentas para o ensino. Acho indispensável tratarmos de assuntos tão importantes como os ‘problemas de verdade’, foi um desafio interessante para a nossa formação.” (PROFESSOR 2).

Reflexões sobre os aspectos e abordagens trabalhados nas estações ocorreram no decorrer da realização de toda a oficina, pois é importante que processo e produto sejam avaliados sempre e não só na etapa final (exemplo, estação autoconhecimento). Propostas, recursos e estratégias utilizadas foram objetos de análise e de reflexão crítica, buscando sempre pensar ações compatíveis com os contextos reais da comunidade educacional da qual os docentes faziam parte. Os resultados da relação teoria/prática se fizeram sentir, de forma gradativa, em cada estação vencida.

Os relatos dos participantes, durante a oficina pedagógica e por ocasião do seu encerramento, levam a crer que houve resultados positivos e repercussões significativas. Dentre elas, pode-se destacar a redescoberta de possibilidades: de novas abordagens de ensino; de execução de ensino a distância; de geração de possibilidade de trabalho em equipe; de alcance das metodologias ativas no que diz respeito à melhoria de práticas pedagógicas, partindo de situações reais e concretas; de desenvolvimento de atitudes e possibilidades criativas; de articulação entre teoria e prática; de uma postura mais reflexiva acerca das práticas docentes.

Para Freire (2009), o inacabamento do ser humano, quando se torna consciente, é também um dos saberes fundamentais ao professor. Reconhecer esse inacabamento é estar aberto às novas possibilidades, ao aprofundamento teórico embrenhado pela prática. Ao relatar que “não tinha segurança”, mas que agora tem “uma noção”, o professor refaz o percurso intelectual e não nega o estado de abertura que pode ampliar a noção de sua prática docente.

Em outros termos, os depoimentos dados espontaneamente, no decorrer da oficina e por ocasião do encerramento dela, como o desejo de continuidade em outras oficinas; o desejo de estender a experiência aos demais colegas e às suas práticas em sala de aula; a necessidade de uma



formação continuada e de se criar na universidade condição para a realização de trabalhos integrados e voltados também para o uso de novas tecnologias dão uma ideia da necessidade de atualização contínua desse professor para que ele possa promover um ensino mais eficaz, com repercussões significativas na vida social e profissional de seus alunos, dando conta de uma realidade cada vez mais complexa que está a exigir sempre mais e mais dos professores em qualquer nível de ensino e modalidade que possam e queiram atuar.

CONCLUSÃO

Não obstante as dificuldades e algumas deficiências apresentadas ao longo da oficina, acreditamos que o resultado da proposta tenha sido positivo, tendo em vista o envolvimento ativo, ainda que em graus diferentes, por parte dos participantes, desde a escolha de estratégias, planejamento, discussão, execução e apresentação das atividades. A reflexão crítica sobre a prática – como denota trechos das falas apresentados –, a curiosidade na busca de estratégias – como no caso da resolução das situações-problema – e o comprometimento da maior parte dos envolvidos foram alguns aspectos positivos que apreendemos dessa experiência. Nesses termos, o espaço-tempo criado a partir da oficina pode ser considerado favorecedor do desenvolvimento da autonomia desses professores. É inegável, no entanto, que aspectos concernentes à liberdade e à flexibilidade docente merecem mais reflexões, até mesmo pela sua envergadura que pode influenciar de maneira significativa nos resultados esperados.

No âmbito geral, os participantes foram receptivos à proposta também devido ao saber escutar e à abertura ao diálogo que marcou a interação entre nós organizadoras e os participantes, também aspectos considerados necessários à prática educativa autônoma (FREIRE, 2009). Logo, a proposta de se problematizar as estratégias e o uso dos recursos didáticos, principalmente no que se refere à Educação a Distância, na perspectiva da oficina planejada e realizada pelos professores pode contribuir tanto na formação destes quanto dos alunos que poderão usufruir de seus benefícios.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, M.E. As teorias principais de andragogia e heutagogia. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação à distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 105-111.
- DEWEY, J. **Vida e Educação**. São Paulo: Nacional. 1959a.
- ECKERT-HOFF, B. M. **O dizer da prática na formação do professor**. Chapecó: Argos, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 39. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2009.
- GATTI, B. **A formação de professores e carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2. Ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.
- LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009.
- MORAN, José Manuel. A educação a distância e os modelos educacionais na formação dos professores. In: BONIN, I. *et al.* **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: políticas e tecnologias**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008. Cap. 4, p. 245- 259. (XIV Endipe).
- _____. Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda. In: BACICH, L.; MORAN, J. (Org.). **Metodologias ativas para uma educação inovadora: uma abordagem teórico-prática**. Porto Alegre: Penso, 2018.
- VALENTE, José Armando. Aprendizagem por computador sem ligação à rede. In: LITTO, F.; FORMIGA, M. (Org.). **Educação a distância: o estado da arte**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2009. p. 65-71.
- VIEIRA, E.; VOLQUIND, L. **Oficinas de ensino? O quê? Por quê? Como?** 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.